

DIA MUNDIAL DA POESIA – SEMANA DA LEITURA 2016

ESTENDAL POÉTICO – Biblioteca Diana-Bar

Autores:

- 1 – Admário Ferreira – “*Saudação*”
- 2 - Alexandre Pinheiro Torres – “*Conjugando o verbo poetizar*”
- 3 - António Bessa de Queiroz – “*O mar – IV*”
- 4 – António Nobre – “*Soneto aos pescadores*”
- 5 - Bernardino da Ponte – “*Boas festas do poeta*”
- 6 - Flávio Gonçalves – “*Balada da beira-mar*”
- 7 – Francisco Gomes de Amorim – “*Primavera*”
- 8 - José Carlos de Vasconcelos – “*O princípio do mundo*”
- 9 - Luísa Dacosta – “*Marés*”
- 10 - Neca Vasconcelos – “*O livro e a poesia*”
- 11 - Ruy Monte – “*Póvoa de Varzim*”
- 12 - Vergílio Alberto Vieira – “*Poveiros*”
- 13 – Viriato Barbosa – “*Póvoa do Mar*”
- 14 – Alice Vieira – “*O que dói às aves (Dos velhos dias – 4)*”
- 15 – Sophia de Mello Breyner Andresen – “*Casa branca*”

Balada da beira-mar

És urze branca e silente
Dos montes da tua terra,
A perfumar levemente
As rochas duras da serra!

És asa formosa e pura
A riscar o céu em graça,
Como seguindo a urdidura
Que um calmo destino traça!

Do alto, agora, desceste,
Até às ondas do mar,
Onde num sonho tu leste
Contos novos de embalar!

Ganhaste de alga o sabor,
Ó urze branca das fráguas!
Mas ser alga é ser flor
No verde abismal das águas!

E a asa que no céu eras
Ficou gaivota elegante!
- Gaivotas são as quimeras
Do pobre do mareante...

Fizeste bem em descer
Às praias da beira-mar,
Para num búzio aprender
Cantigas que hás-de guardar!

Flávio Gonçalves – In, Arco de Passagem



Saudação

A PÓVOA, galharda e bela,
Formosa, jovem donzela,
Com amor vos vem saudar;
Nesta visita gentil,
Oferecer-vos beijos mil
Da orla do nosso mar.

Ála... Ála-Arriba... meu povo!
Que os jornalistas de novo
Vém conosco a Póvoa alar;
Aos brados do Ála-Arriba
Varemos a nossa Diva
Para uma altura sem par!

É tão grande o seu desejo
Que o poveiro não tem pejo
De vos confessar, jamais:
Levai dêle, agradecido.
O coração repartido
Pra cada um dos jornais.

Pois, se a nossa Póvoa querida,
Vos pudesse dar a vida,
A daria com certeza...
Ála-Arriba... Minha gente...
Num grito audaz, forte e quente,
Pela Imprensa Portuguesa!...

(Praia da Póvoa de Varzim, 30 de Junho – 1928)

Admário Ferreira – In, Fôlhas outoniças: 1910-1955



O princípio do mundo

A luz de tão menina mal ilumina
as algas as conchas os seixos
os minúsculos bichos inominados

Passarinhos de bico pontiagudo
pescam ligeiros o primeiro sustento

O vento prepara os exercícios
de aquecimento na praia lavada
pelo bravo fulgor das marés vivas

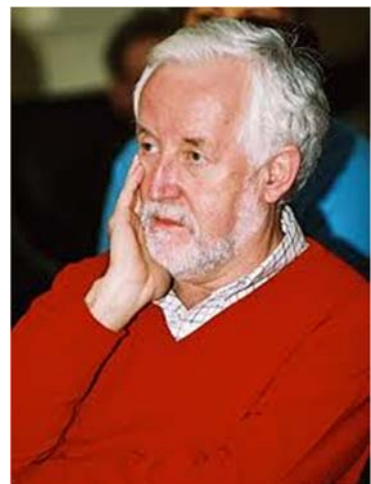
Um bando breve de aves migradoras
povoam o céu de longes e de viagens

Imagens e sombras se confundem
no fundo dos corações despertados

Cheira a mar e a princípio do mundo

E já o sol apaga a lua cheia
Só ouço o coração azul das ondas
o silêncio dos meus passos na areia

José Carlos de Vasconcelos – In, O mar a mar a Póvoa



Conjugando o verbo poetizar

(Hoje poetizo a Ilha do Desterro
para uso familiar.

Eis um erro
que muito custa confessar.

O erro dos que agem
como se agora touradas
só do Núncio as houvesse.
O erro dos que reagem
muito de almas repousadas
e as outras o diabo as desse.

Hoje à Póvoa também vamos
nos domingos de verão,
nos claxons enfileiramos
a suar outra missão.

Afinal de que lado estamos?
Responde assim meu irmão:
*«Ah! A Póvoa cheia de ilhas
é tão boa pra as mostrarmos
em passeio às minhas filhas!»*

De que é feita esta poesia
de tanto as coisas dourar?
De ir à Póvoa quando é dia
de o Branco Núncio tourear!)

Alexandre Pinheiro Torres – In, Ilha do Desterro



O livro e a poesia

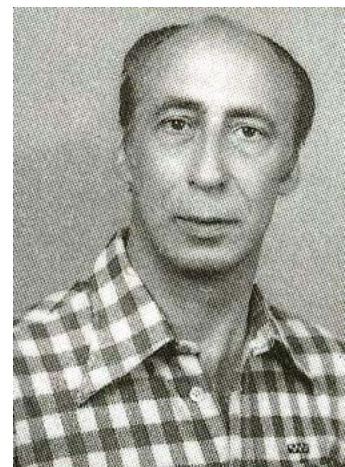
Hoje para mim
Foi mais um dia
Que eu tivera que escolher
Entre o ler e o escrever
Como quase sempre – Poesia!

No livro – O silêncio e a vida
Por acaso, nele eu pego
E à sua leitura;...
Eu logo me entrego...
De saída!...

Assim eu comecei meu dia
Mas esses momentos são breves
Largo o livro de Pacheco Neves
Para me entregar – à Poesia!...
Apressado...
Em lápis e papel eu pego
Levado pela magia
Que encontro na Poesia
E a ela eu me entrego

Assim, eu passei o meu dia
Entre o livro e a Poesia
Bons momentos eu passei
A minha primeira procura
Encontrei-a na leitura
Mas em Poesia...
Eu acabei!

Neca Vasconcelos – In, Marés... de poesia!...



Poveiros

Quando, ao romper do dia,
A companha se avista à proa
Das ondas, logo à porfia
Orações ao céu entoa.

O pescador fervilha, então,
Nas pobres redes de malha.
Tudo o que o mar dá é bom
À mesa de quem trabalha.

Andam no ar os pregões,
O sal prende-se à voz.
Pelo bater dos corações,
Encordoam-se os braços de nós.

Atrás das saias das mães,
Esconde o rosto a filharada
Entre a vozeria, os cães
Uivam por tudo e por nada.

À distância, a estacaria
Cerca pilhas de sargaço.
Quantos mortos levaria
O mar, mortos de cansaço?

Em seu luto, embiocadas,
Rezam as velhas sem tino,
Pelas almas sufragadas
Nos naufrágios do destino.

Gaiotas sobem aos mastros,
Esperam pelo fim da jornada,
Proteja Deus quem os astros
Pede a hora da chegada.

São José de Ribamar,
Nossa Senhora da Guia,
Trazei-os de volta ao lar,
Dai-lhes o pão de cada dia.

Vergílio Alberto Vieira – In, Cinema Garrett

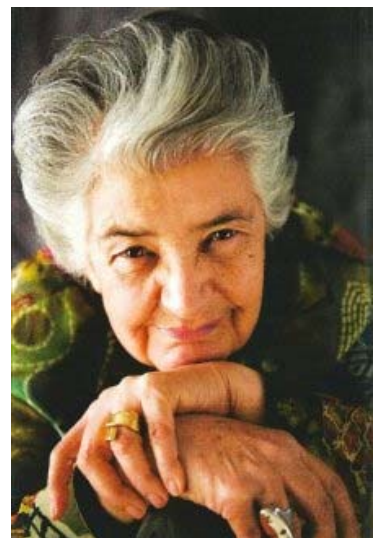


Marés

A vida retirava-se dela
como se retira uma maré de mar,
afogando no rolado das ondas
suas ânsias, seus sonhos, seus desejos.
A vida retirava-se dela
e a placenta das águas
submergia seu coração selvagem.
Com âncoras de abismo,
entre o canto das sereias,
a fantasmagoria, naufragada, dos veleiros,
a copa do rei de Tule,
prendiam-no, enliçavam-no na raiz das funduras.
A vida retirava-se dela
como a água da maré,
já concha líquida, lisa e azul,
aprisionada entre as pedras.

Na nudez das areias,
precário sinal de naufrágio
- um lábio de búzio, fragmentado.

Luísa Dacosta – In, A maresia e o sargaço dos dias



O mar

IV

Ondas do mar, ó ondas mais salgadas!
Que confessais á natureza em vão?
Vós sois irmãs das ondas levantadas
do mar que ferve em nosso coração.

Que perguntais ao céu, que ides dizendo
aos montes altos que de longe vedes?
Andais talvez na praia entristecendo
o pescador que vai lançar as redes!

Ele deixou o lar abandonado!
E se lá dentro choram as crianças,
não lhe leveis o coração magoado
para o alto mar vasio de esperanças!

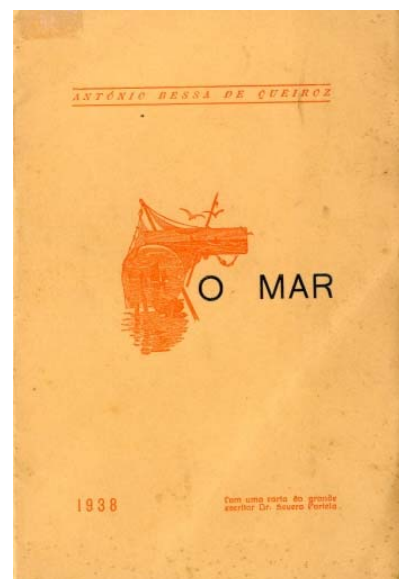
Deixai-o vir a terra quando venham
as redes cheias, como de saudades
traz-nos seus olhos largos que acompanham
o ar azul e o som das tempestades.

Se o dia apaga no Ocidente o lume,
manda-lhe o sol o raio derradeiro;
e a sua alma contém o perfume
duma assucena aberta num canteiro...

Ondas do mar, ide-o assim levando,
como num berço que embalais sorrindo,
até voltar alegre do mar brando,
vendo a manhã, ou vendo o sol fugindo...

Sôbre os casais, a cerração sombria,
o fumo vai subindo pelo ar!
Deixá-lo vir quando acordar o dia
e fôr bater à porta do seu lar...

Deixá-lo vir no pequenino barco,
colhendo a vela, paulatinamente,
enquanto eu lembro Magalhães e Zarco,
mergulhando os meus olhos no poente!



António Bessa de Queiroz - In, O mar (1938)

Sonetos aos pescadores

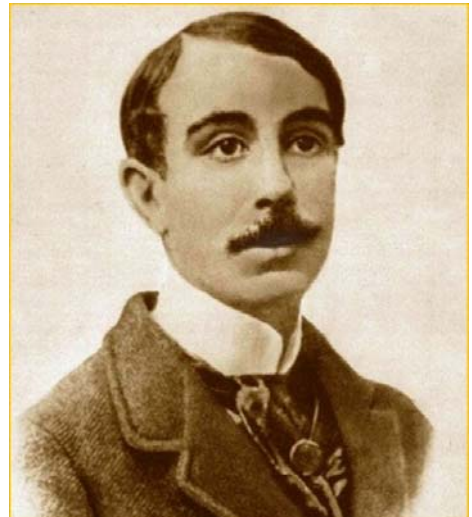
Meus velhos, meus amigos Pescadores!
Na Água quisera com vocês morar
Livre dos sábios, de jornais, de amores,
E, pela noite, em viagem palestrar.

Far-me-ia outro, que os vossos interiores,
De há tantos anos, devem já estar
Calafetados pelo breu das Dores,
Tal como os barcos em que andais no mar...

Nascera, acaso, no alto de uma serra,
Fora eu, um Simples sem ninguém na Terra
Talvez minha alma desse frutos são.

Para ganhar o pão deitava as redes,
Meu Deus seria o mesmo em que vós credes,
Meu pai o Mar, vocês os meus irmãos!...

António Nobre – In, Poesia completa



Boas festas do poeta

Por andar tarde e a más horas,
Não o maldiga ninguém...
De tão nefastas demoras
O vate culpa não tem.

Se por versos mui amáveis
Ardeis em quentes desejos,
Versos vos dá, impecáveis,
Por não poder dar-vos beijos.

Quando a alegria se expande
Nas faces de quem padece,
Até se orgulha que o mande
E as próprias mágoas esquece.

Do prazer perfilha as palmas
E chora ao ver-vos chorar...
Tal é, ó cândidas almas,
Quem sabe sofrer e amar.

Se a festa ainda estrondeia
Em honra do Salvador,
Nem leve sorriso estreia
Os lábios do trovador.

Quereis vós que a festa seja
Duma alegria sem par?
Do gozo que vos sobeja
Mandai um pouco ao seu lar.

E perdoai-lhe a maçada
Que nestes versos vos dá,
Enviando a consoada,
Seja boa ou seja má...

EP – 3 de Janeiro de 1909

Bernardino da Ponte – In, Calmarias e tufões



Póvoa de Varzim

(dez anos depois)

Longe de ti dez anos. Que saudade!
Que estranha sensação, ao ver-te, agora:
Deixe-te uma garota encantadora
e encontro a mais escultural cidade!

Dez anos! Lá se foi a mocidade.
Torno a ver-te distante, como na hora
em que, cheio de dor, me fui embora...
E sinto que voltei da Eternidade.

És melhor? És pior? Nem eu sei, menina:
eras tão simples, meiga e pequenina
que, só ao colo, é que te qu'ria ter.

Perdeste a graça? Nem sonhar, cachopa!
- Abriste em flor... e toda a gente topa
que estás um monumento de mulher!

Ruy Monte – In, Obra poética



Primavera

Vens em vão, ó primavera,
Sorrir-me com teus verdores!
Dias de abril e de maio,
Levae os vossos fulgores,
As vossas manhãs formosas,
As vossas mimosas flores.

Dos vossos dôces aromas
Que me importa a variedade?
Eu já não tenho alegria,
Não tenho já mocidade:
Do porvir só tenho medo;
Do passado, só saudade!

Que me importa d'outras flores
A fragrância recendente,
Se as rosas da minha vida
Murcharam rapidamente?
Do primeiro sol do estio
Queimou-as o beijo ardente!

Vae-te, pois, ó primavera,
Que apenas por mim passaste;
Eu amava o céu e a terra
Quando de mim te apartaste;
Meu primeiro amor tu foste;
Primeiro me abandonaste.

Agora, pouco me importa
Ver fugir os teus verdores;
Se tenho menos tristeza
Diante dos teus fulgores,
Também mais da mocidade
Lastimo as perdidas flores.



Francisco Gomes de Amorim – In, Cantos matutinos (1874)

Póvoa do Mar

Ó Mar! eterno amante da Póvoa,
Desposados,
Tu és a vontade que domina e fecunda,
Ela o anseio veemente que concebe.
Tu és a indomável força das ondas,
Ela das ondas é o murmulho que embala e faz sonhar.

Tu és abismo de trágicas lágrimas,
Ela é Mãe de Dor! Ó Senhora d'Amargura!
Seus filhos Te são imolados
Ó pai de misteriosa e estranha ternura!
O Verbo de Deus vos criou,
e juntou,
dois corpos num só corpo.
A Ti, Mar, concedeu a plenitude das águas sem fundo.

A Ti, Póvoa, deu sorrindo, a graça da flor.
Ó Póvoa do Mar, do mar de todo o Mundo!
Mar-Oceano, que não mar Negro,
Negro ou mar Morto ou Vermelho como fogo.
Deus vos fez com outro fogo de amor
e abençoou.
Exaltado seja o Criador.

Viriato Barbosa



*Sempre amei por palavras muito mais
do que devia
são um perigo
as palavras
quando as soltamos já não há
regresso possível
ninguém pode não dizer o que já disse
apenas esquecer e o esquecimento acredita
é a mais lenta das feridas mortais
espalha-se insidiosamente pelo nosso corpo
e vai cortando a pele como se um barco
nos atravessasse de madrugada
e de repente acordamos um dia
desprevenidos e completamente
indefesos
um perigo
as palavras
mesmo agora
aparentemente tão tranquilas
neste claro momento em que as deixo em desalinho
sacudindo o pó dos velhos dias
sobre a cama em que te espero*

Alice Vieira – O que dói às aves



Casa branca

Casa branca em frente ao mar enorme,
Com o teu jardim de areia e flocos marinhas
E o teu silêncio intacto em que dorme
O milagre das coisas que eram minhas.

A ti eu voltarei após o incerto
Calor de tantos gestos recebidos
Passados os tumultos e o deserto
Beijados os fantasmas, percorridos
Os murmúrios da terra indefinida.

Em ti renascerei num mundo meu
E a redenção virá nas tuas linhas
Onde nenhuma coisa se perdeu
Do milagre das coisas que eram minhas.

Sophia de Mello Breyner Andresen – Poesias I

